

A inserção do ‘você’ no português brasileiro escrito dos séculos XIX e XX: reflexos nas construções imperativas de 2SG

The insertion of ‘you’ (‘você’) in the Brazilian Portuguese written of the 19th and 20th centuries:
reflexes in the imperative constructions of 2SG

DOI: <https://doi.org/10.24206/lh.v5iespecial.24395>

Márcia Cristina de Brito Rumeu

Professora Associada, Área de Língua Portuguesa, Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG, MG, Brasil.

E-mail: mrumeu@ufmg.br

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9254-976X>

RESUMO

O objetivo deste artigo é refletir sobre o encaminhamento histórico da implementação do *você* no sistema pronominal do português brasileiro e o seu reflexo nas estruturas imperativas de 2SG. Assume-se como ponto de partida o fato de uma das repercussões da inserção do *você* no sistema pronominal do português brasileiro (RUMEU, 2013; SOUZA, 2012) ter sido a alternância entre as formas verbais de indicativo e de subjuntivo nas construções imperativas de 2SG (*vem tu*, *vem você*, *venha você*). Na perspectiva de uma análise metodologicamente orientada pelos princípios da sociolinguística histórica (CONDE SILVESTRE, 2007; HERNÁNDEZ-CAMPOY; SCHILLING, 2012) e embasada em um conjunto de missivas históricas produzidas por cariocas cultos entre 1860 e 1980, ratifica-se a conjectura de que a partir dos anos 30 do século XX (RUMEU, 2008; SOUZA, 2012) o *você*-sujeito consolida-se como forma pronominal de 2SG *pari passu* as construções de imperativo supletivo também prevaleçam nas missivas cariocas (DINIZ, 2018). Além de o contexto do *você*-sujeito acompanhar as construções de imperativo supletivo, comprovou-se que as cartas mistas (cartas de alternância *tu/você*) funcionam também como contexto que tende a influenciar moderadamente o imperativo abasileirado (DINIZ, 2018). Trata-se, pois, da expressão de uma mudança internamente encaixada no sistema linguístico do PB conforme previsto por Lopes (2007) acerca das repercussões da inserção do *você* no paradigma pronominal do português brasileiro.

Palavras-chave: Imperativo gramatical. Variação *tu/você*. Variação pronominal.

ABSTRACT

The purpose of this article is to reflect on the historical routing of the implementation of “*você* (you)” in the pronominal system of Brazilian Portuguese and its reflection on the imperative structures of 2SG. It assumes as a starting point the fact that one of the repercussions of the insertion of “*você* (you)” in the pronominal system of Brazilian Portuguese (RUMEU, 2013; SOUZA, 2012) has been the alternation between the indicative forms of indicative and subjunctive in the imperative constructions of 2SG (“*vem tu*” (“come you”), “*vem você*” (“come you”), “*venha você*” (“come you”). In the perspective of an analysis methodologically oriented by the principles of historical sociolinguistics (CONDE SILVESTRE, 2007; HERNÁNDEZ-CAMPOY; SCHILLING, 2012) and based on a set of

historical missives produced by educated Cariocas between 1860 and 1980, the hypothesis from the 30's of the twentieth century (RUMEU, 2008; SOUZA, 2012) the subject is consolidated as a pronominal form of 2SG *pari passu* constructions of supplementary imperative also prevail in the Letters Cariocas (DINIZ, 2018). In addition to the context of “você”(“you”)-subject accompanying the constructs of supplementary imperative, it has been proven that mixed letters (alternating letters “*tu*”/“*você*” = “you”) also function as a context that tends to moderately influence the abrasive imperative (DINIZ, 2018). It is, therefore, the expression of a change internally embedded in the BP language system, cf. predicted by Lopes (2007) about the repercussions of the insertion of the “você” (“you”) in the pronominal paradigm of the Brazilian portuguese.

Keywords: Imperative grammatical. *Tu/você* variation. Pronominal variation.

Considerações iniciais

A reorganização do quadro pronominal a partir da inserção das formas *você* e *a gente* já foi objeto de análises em distintas amostras por parte de vários autores (RUMEU 2013; LOPES, 1999; LOPES, 2003; LOPES; CAVALCANTE, 2012; SOUZA, 2012 entre outros). Neste texto, objetiva-se investigar uma das repercussões gramaticais alcançadas pela inserção do *você* no sistema pronominal do português brasileiro (doravante PB), a saber: as construções imperativas de 2ª pessoa do singular (doravante 2SG). Pretende-se, neste artigo, refletir sobre o encaminhamento histórico da implementação do *você* no sistema pronominal do PB e o seu reflexo nas estruturas imperativas de 2SG.

A correspondência semântica entre as formas *tu* e *você* atingiu as estruturas imperativas de 2SG (“*Vem pra Caixa você também. Vem*” como expressão do imperativo abrigado), cf. Paredes Silva *et al.* (2000), Scherre (2007). Nesse sentido, assumimos, neste trabalho, com base em Lopes (2007) e em Lopes e Cavalcante (2012), que uma das repercussões da inserção do *você* no quadro pronominal do PB (RUMEU, 2013; SOUZA, 2012) seja a variação entre as formas verbais de indicativo e de subjuntivo vinculadas às formas pronominais *tu* e *você* também nas estruturas de imperativo de 2SG (*vem tu, vem você, venha você*). Expõem-se, em (01)¹ e (02)², evidências das formas variantes dos pronomes-sujeito de 2SG (*tu/você*) e, na sequência, das construções imperativas de 2SG.

- (01) a. “[...] eu não sei escrever cartas de amor como voce eu quando || lei chego a chorar, *voce_{SUJ.}* sabe que eu sou uma burinha.[...]” (MR. 07.10.1936)
- b. “[...] Perdoa-me tudo quanto te fis hoje de estar beijando aquelle retrato *tu_{SUJ.}*, sabes que tudo isso é brincadeira [...]” (C.- A. 1908)
- c. “[...] Recebi os jornaes que *voce_{SUJ.}* me mandou, apreciei muito os discursos e a imponente posse que *tivestes_{SUJ.}*. Deos o conserve sempre honesto e cumpridor de seus deveres.[...]” (M.G.P. 11.08.1919)
- (02) a. “[...] Que honra para mim! *Aproveita_{IMP.}*, meu filho o tempo tão precioso. [...]” (ZPAM. RJ, 17.09.1912.)

¹ Dados de pronomes-sujeito discutidos por Souza (2012) assim como todos os demais dados de referência ao sujeito de 2SG.

² Dados de construções imperativas discutidos por Diniz (2018) assim como todos os demais dados das construções imperativas de 2SG.

b. “[...] Então Nosso Senhor lhe pediu um sacrifício tão grande? *aproveite*_{IMP.} a ocasião, seja generosa no céu tudo isso se tornará em perolas preciosas. [...]” (MBPCAM.16.01.1919.)

As questões condutoras desta reflexão são as seguintes: (i) a preferência pelas construções de imperativo supletivo (construções imperativas associadas ao subjuntivo) teriam acompanhado o processo histórico de inserção do *você-sujeito* no sistema pronominal do PB? (ii) Em que nível teríamos evidências históricas do imperativo abrazeirado (“*Vem pra Caixa você também, vem*”)? Para o encaminhamento desta reflexão visando a responder essas questões, conjectura-se que seja possível entrever-se, no eixo do tempo, evidências históricas da fixação do *você* (SOUZA, 2012) e da prevalência do imperativo com formas do paradigma do *você* (DINIZ, 2018) principalmente a partir da década de 30 do século XX. Conjectura-se ainda que, a partir da década de 30 do século XX, o *você-sujeito* consolida-se como pronomes-sujeito de 2SG *pari passu* haja a preferência pelas formas de imperativo supletivo (paradigma de *você*).

Neste texto, a opção foi a de apresentar-se esta reflexão em três seções. Na 1ª seção, apresentam-se critérios de análise das construções imperativas de 2SG. Na sequência, expõe-se o método de trabalho com cartas históricas, tendo em vista as orientações da sociolinguística histórica (BERGS, 2005; CONDE SILVESTRE, 2007; ELSPASS, 2012; HERNÁNDEZ-CAMPOY; SCHILLING, 2012). Na 3ª seção, analisam-se os dados de *você-sujeito*, correlacionando-os às construções imperativas de 2SG. Por fim, tecem-se algumas generalizações sobre a repercussão histórica da inserção do *você* no sistema pronominal do PB em relação às construções imperativas de 2SG.

1. As marcas morfossintáticas das construções imperativas de 2SG: critérios de análise

O modo verbal imperativo é orientado por uma força ilocucionária diretiva (SEARLE, 1969 *apud* FARIA 2006, p. 73-74) responsável por imprimir ao ato verbal os valores de *ordem*, *pedido*, *sugestão*, cf. Cunha e Cintra (1985). Trata-se de um modo verbal marcado pela diretividade do ato ilocutório garantido por fatores não só discursivos e pragmáticos, mas também morfossintáticos. Considerando os objetivos deste artigo, faz-se necessária a apresentação dos traços morfológicos e sintáticos que efetivamente tendem a fixar a força ilocucionária imperativa da construção verbal. Assume-se como ponto de partida a composição morfológica do modo imperativo à luz da gramática tradicional que também impulsionou as considerações linguísticas mais recentes acerca dos efetivos padrões morfológicos e sintáticos do imperativo gramatical evidentes na realidade linguística do PB, cf. Cardoso (2006) e Scherre (2007).

A orientação da tradição gramatical é a de que a construção do modo imperativo afirmativo deve se dar com as formas próprias advindas do presente do indicativo para as referências às segundas pessoas do singular (*canta tu*) e do plural (*cantai vós*) como expressão do imperativo verdadeiro, ao passo que as demais pessoas do modo imperativo afirmativo são reproduzidas do presente do modo subjuntivo (*cantemos nós, cantem vocês*) como expressão do imperativo *supletivo* (nos termos de MATEUS; BRITO; FARIA, 2003) ou *surrogate* (nos termos de RIVERO, 1994; RIVERO; TERZI, 1995). Em termos morfológicos, observe-se que a homofonia entre as formas “canta” (2SG do imperativo afirmativo), “canta” (3SG do presente do indicativo) foi historicamente instaurada com a perda morfe final [-t] da 3SG do presente do indicativo latino (*amat* (presente do indicativo latino) > *ama* (3SG do presente do indicativo)), cf. discutido por Faraco (1986). Ainda em termos formais, esses traços formais das construções imperativas também se manifestavam no período trovadoresco da língua portuguesa, cf. discutido por Favaro (2016, p. 122) e exemplificados em (03) e (04).

(03) “Sennor³, *acorre*⁴ a tua coitada” (CSM 16, v.58.)

(04) “Varões⁵, *levade*-a⁶ já fora da vila cab’ o camião [...]” (CSM 255, v.98-100.)

Para o modo imperativo negativo, o preceito gramatical nos impõe a reprodução do tempo presente do modo subjuntivo (*não cantes tu, não cante você, não cantemos nós, não canteis, vós, não cantem vocês*), cf. Rocha Lima (2002 [1972], p. 129), Cunha e Cintra (1985, p. 465). Em termos formais, assumimos que a construção imperativa afirmativa de 2SG é respaldada pela exclusão do morfe [-s] na expressão do imperativo verdadeiro *canta (tu)* que, por sua vez, pode também estar correlacionado à forma imperativa vinculada ao *você* (*canta você* como expressão do imperativo abrasileirado), uma vez que as formas pronominais *tu* e *você* são semanticamente equivalentes, ao evocarem a 2ª pessoa do singular ([-EU]), cf. LOPES; RUMEU (2007).

Sintaticamente, assumimos que as estruturas imperativas podem se deixar evidenciar através da expressão nula do sujeito, como exemplificamos em (05), com forma verbal indicativa (*imperativo verdadeiro*), cf. Cardoso (2006). Por outro lado, tendo em vista a prevalência do *você*-sujeito (nulo ou pleno) no PB, cf. Scherre *et al.* (2015), observamos também a possibilidade de as construções imperativas estarem associadas ao subjuntivo como expressão do *imperativo supletivo*, cf. ilustramos em (06). Acrescente-se ainda a possibilidade de a construção imperativa estar correlacionada à forma verbal indicativa (*faz*), ainda que em concordância com a forma pronominal plena (*você*) como

³ Fonte: Favaro (2016, p. 122).

⁴ A forma verbal “acorre” está no sentido de “socorrer”.

⁵ Fonte: Favaro (2016, p. 122).

⁶ A forma verbal “levade” está no sentido de “levar”.

expressão do *imperativo abraçeirado* (07). No quadro 01, sistematizam-se as três possibilidades de estruturação do imperativo de 2SG na comunidade idiomática do PB, cf. já discutido por Diniz (2018) e por Rumeu e Carvalho (2018).

(05) \emptyset *Faz* a lição de casa agora.

(06) \emptyset *Faça* a lição de casa agora./*Você faça* a lição de casa agora.

(07) *Faz você* a lição de casa agora.

Quadro 01 - Possibilidades de representação morfossintática do imperativo de 2SG no PB.

POSSIBILIDADES DE REPRESENTAÇÃO MORFOSSINTÁTICA DO IMPERATIVO DE 2SG NO PB		
PRONOMES-SUJEITO	FORMAS VERBAIS	CLASSIFICAÇÕES
<i>Tu</i> (nulo ou pleno)	Indicativo	verdadeiro
<i>Você</i> (nulo ou pleno)	Subjuntivo	supletivo
<i>Você</i> (nulo ou pleno)	Indicativo	abraçeirado

Fontes: Diniz (2018); Rumeu; Carvalho (2018, p. 396).

Uma vez apresentados os traços pragmáticos e morfossintáticos das construções imperativas de 2SG, passa-se à discussão do método de trabalho com cartas no âmbito da sociolinguística histórica.

2. Fundamentação teórico-metodológica da sociolinguística histórica: o método de trabalho com cartas históricas

As expressões da variação e da mudança linguística representam movimentos da constituição interna das línguas humanas (LABOV, 1994, 2001) que, por sua vez, atuam como sistemas em estado de heterogeneidade ordenada cujas manifestações linguísticas variáveis podem ser descritas e analisadas, nos seus níveis estrutural e social, segundo Weinreich, Labov e Herzog (1968). Assume-se que os potenciais da variação e da mudança linguística atuantes outrora continuam a influenciar a realidade linguística sincrônica (*The uniformitarian principle*, cf. LABOV, 1994). No âmbito da sociolinguística histórica, os trabalhos podem ser obstaculizados por não ser tão simples inferir o quanto o passado foi diferente do presente. Acredita-se que a força propulsora da *mudança linguística* atuante outrora continue a influenciar a realidade linguística sincrônica (o uniformitarismo da

mudança linguística), como reflexo do princípio norteador da mudança nas línguas humanas – *The uniformitarian principle*, segundo Labov (1994). Nesse sentido, a adoção da realidade linguística *presente* como ponto de partida para a compreensão histórica do estatuto variável do imperativo do PB concretiza-se através do paradoxo diacrônico (*Historical paradox*). O presente é o ponto de partida para a interpretação histórica da dinâmica variável de um dado fenômeno linguístico (*Historical paradox*) como é o caso em análise: a expressão variável das construções imperativas de 2SG entre os séculos XIX e XX.

É desafiador o trabalho de resgate de fontes linguísticas pretéritas (CONDE SILVESTRE, 2007; ROMAINE, 2010; HERNÁNDEZ-CAMPOY; CONDE SILVESTRE, 2014). Cabe ao linguista-pesquisador, ao voltar o foco para fenômenos históricos, a inquietação com a descrição-analítica da norma de uso (CUNHA, 1985) do português em sincronias passadas, o que lhe impõe atenção redobrada ao “problema dos filtros” (ROMAINE, 2010 [1982]) como uma preocupação que, por sua vez, mostra-se pertinente tanto aos estudos de língua escrita, quanto aos de língua falada. Considerando o intuito de descrever e analisar especificidades da norma de uso do PB de sincronias passadas, o linguista-pesquisador deve manter a preocupação em distinguir quais são os traços da língua oral e quais traços evidenciam as tradições discursivas específicas do gênero textual (AGUILLAR, 1998). No âmbito da sociolinguística histórica, há uma preocupação com o rigor dos parâmetros voltados para a constituição de um conjunto de textos que se aproxime da espontaneidade da fala e que esteja criteriosamente organizado não só em relação à delimitação do seu contexto de produção (homogêneas amostras de epístolas certificadamente produzidas por brasileiros letrados e iletrados entre os séculos XIX e XX), mas também no que se refere à caracterização do perfil social do missivista – origem (*nacionalidade e naturalidade*), filiação, idade, gênero (*sexo*), nível de escolaridade, representação social –, nos moldes de Rumeu (2013), inspirados em Lobo (2001).

Há de se interpretar a máxima “arte de fazer o melhor uso de maus dados” (LABOV, 1994, p. 11), tendo em vista o fato de que o melhor uso que o linguista-pesquisador consegue fazer dos dados históricos somente pode dar-se em relação às evidências que sobreviveram à ação do tempo marcadas por traços de hipercorreção, mistura dialetal e “erros” do escriba. Assim sendo, o processo de composição de amostras de língua escrita representativas de realidades linguísticas pretéritas requer do linguista-pesquisador o refinamento metodológico necessário não só ao reconhecimento e distinção dos traços do vernáculo do PB em relação às especificidades do redator do manuscrito, conforme discutido por Rumeu (2013, p. 111), mas também de identificar possíveis “erros” do redator, marcas de mistura dialetal e de hipercorreção, considerando principalmente o fato de que se consegue vislumbrar tão somente os traços positivos que se deixam transparecer nas fontes históricas.

Ainda é preciso atentar ao(s) gênero(s) e subgênero(s) textual(is) mais propícios à revelação do vernáculo do PB. Com base no modelo de Koch e Oesterreicher (1985, 1994 *apud* ELSPASS, 2012, p.

157), assumimos os gêneros textuais do meio escrito no *continuum* delineado entre os textos do ‘imediatismo’, como uma conversa íntima, e da ‘distância’, como um contrato público em termos legais⁷. Assim sendo, interpreta-se que o gênero textual *carta pessoal* e os seus subgêneros *familiares*, *amorosas* e *de amizade* estejam mais próximos da “língua do imediatismo”, visto que tendem a expor, com um maior grau de naturalidade numa espécie de “conversa por escrito”, traços linguísticos do vernáculo do PB, cf. os testemunhos históricos expostos de (08) a (10).

- (08) “[...] Tal é o cansaço, que me accomette, que devera já estar deitado afim de ver si concilio osonno e mesmo porque as 2 horas de amanhã pela manhã devo estar já de pé tomando algum alimento e logo apoz descendo a serra da Tijuca, porem o desejo de escrever-te e fingir que estou conversando contigo são incentivos mais poderosos de que os meios hygienicos para eu não passar tão mal.” (JPCF. RJ, 11.08.1877.)⁸
- (09) “[...] Conhecimento profundo do latim é um instrumento precioso para outros mais altos conhecimentos – Mas é tarde Terei mais ocasiões de Contigo Conversar Sê feliz no santo temor de Deus. Meus respeitosos cumprimentos a meo Compadre o Senhor Padre Superior e a teus mestres e aceita a benção de teo Pae e amigo Jeronymo [...]” (JCAM. RJ, 19.07.1897.)⁹
- (010) “[...] Pasei a manhã muito agradável escrevendo a Você parece que estavas aqui. [...]” (MRPCAM. La Plata, 01.02.1948.)¹⁰

No âmbito da sociolinguística histórica, não cabe tão somente transpor-se a metodologia variacionista de orientação laboviana aos estudos históricos, visto que as fontes históricas que resistem ao tempo tendem a ser “fragmentárias, escassas e dificilmente vinculáveis à produção real de seus falantes”, cf. Conde Silvestre (2007, p. 35)¹¹. Trata-se, cf. Bergs (2005, p. 21), de uma subdisciplina que tem potencial próprio e “deveria desenvolver seus próprios objetivos, metodologias e teorias”,

⁷ “To arrive at an adequate understanding of the nature of 'speech', 'spoken language', and/or 'orality', it is essential to place these notions into an integral model. Such a model is provided by Koch and Oesterreicher (1985, 1994) and their notion of 'language of immediacy' (*Sprache der Nähe*) vs. 'language of distance' (*Sprache der Distanz*).” (ELSPASS, 2012, p. 157)

⁸ Fonte: Rumeu (2013, p. 59).

⁹ Fonte: Rumeu (2013, p. 59).

¹⁰ Fonte: Rumeu (2013, p. 59).

¹¹ “En comparación con la diversidad, cantidad y autenticidad de los datos a disposición del investigador en sociolingüística sincrónica o en lingüística descriptiva, la información de que dispone quien intenta desarrollar su investigación en el ámbito de la lingüística o la sociolingüística histórica es fragmentaria, escasa y dificilmente vinculable con la producción real de sus hablantes.” (CONDE SILVESTRE, 2007, p. 35.)

divorciada da sociolinguística atual, por um lado, e da linguística histórica, por outro.¹² Tendo em vista o crivo ético do linguista-pesquisador frente a empreitada de uma análise linguística metodologicamente orientada no eixo do tempo (BERGS, 2005), passamos à descrição-analítica de três parâmetros responsáveis por sedimentar os resultados das análises linguísticas embasadas em fontes históricas. São eles: a *autoria*, a *autenticidade* e a *validade social e histórica* da amostra histórica, cf. Hernández-Campoy e Schilling (2012).

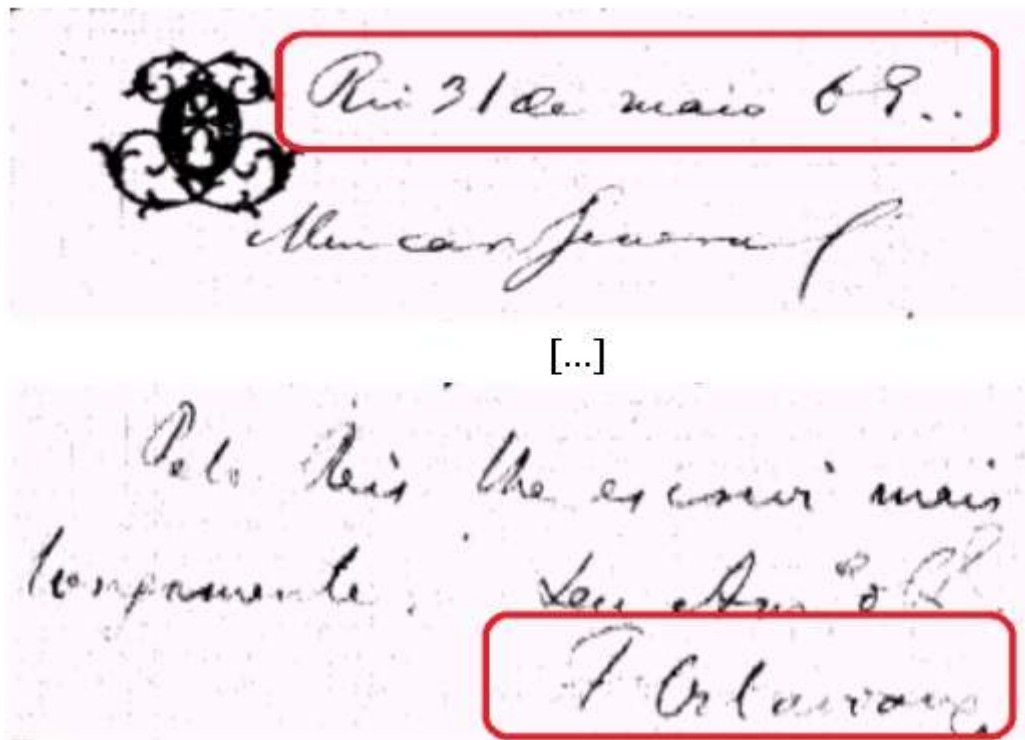
A *autoria* das amostras históricas deve ser comprovadamente atestada pelo linguista-pesquisador no sentido de que cabe a este identificar se a letra de quem assina o texto foi a mesma que redigiu o texto (*autógrafo*) ou se teria sido escrito por um punho distinto daquele de quem o assina (*cópia de época*). Isso quer dizer que análises no âmbito da sociolinguística histórica também estão sedimentadas em conhecimentos paleográficos como evidência de uma perspectiva interdisciplinar ao processo de edição de amostras linguísticas históricas. Para este trabalho, tanto Souza (2012), quanto Diniz (2018) preocupam-se em trabalhar com dados de formas pronominais de 2SG e construções imperativas de 2SG, respectivamente, legitimados em cartas pessoais autógrafas conservadoramente editadas em seus respectivos grupos de trabalhos desenvolvidos na UFRJ¹³ e na UFMG¹⁴, assinadas por escreventes nascidos (em sua maioria) e/ou residentes no espaço geográfico do Rio de Janeiro. Na imagem 01, é possível observamos trechos de uma missiva de amizade redigida e assinada por um ilustre missivista carioca (F. Otaviano) cuja trajetória de vida é marcada pelo exercício das atividades como advogado, jornalista, diplomata, político e poeta no cenário carioca oitocentista.

¹² “Instead, historical sociolinguistics must be bold enough to loosen its ties with present-day sociolinguistics and traditional historical linguistics, and to develop its own methodologies, aims, and theories.” (BERGS, 2005, p. 21.)

¹³ Projeto “LaborHistórico”, disponível em: <http://www.lettras.ufrj.br/laborhistorico/>.

¹⁴ Projeto “Para uma sociolinguística histórica do português brasileiro: variação sincrônica e mudança diacrônica”.

Imagem 01 – Excertos da carta de F. Otaviano. RJ, em 31.05.1869.



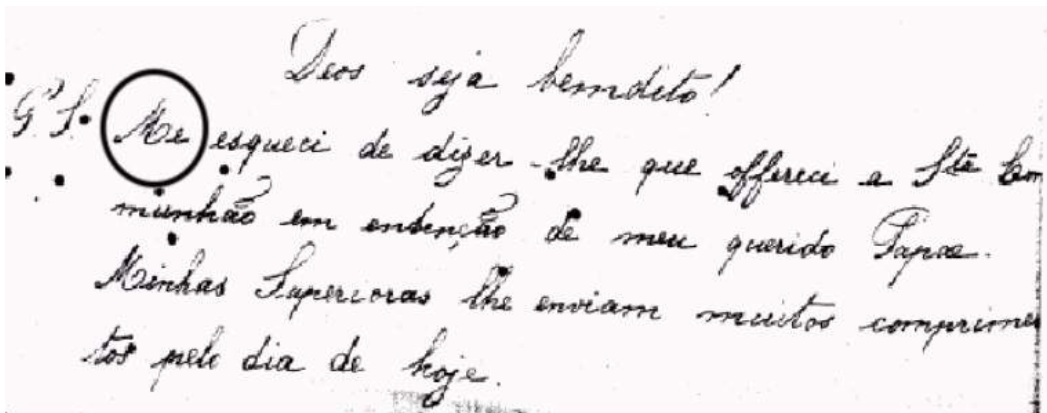
Transcrições dos excertos da carta de F. Otaviano, cf. imagem 01.

Rio 31 de maio de 69..
 Meu caro Juvenal
 [...]
 Pelo Reis lhe escrevi mais
 longamente. Seu Am.º obr.º
 F. Otaviano

A *autenticidade* das fontes históricas discutida por Hernández-Campoy e Schilling (2012, p. 162) deixa-se evidenciar também em função de o registro escrito estar mais propenso à expressão da norma culta, tendo em vista o fato de os missivistas (em sua maioria) serem representantes de uma elite letrada. Assim sendo, cumpre ao linguista-pesquisador atentar ao problema dos filtros, cf. Romaine (2010 [1982]) no processo de resgate de reflexos do vernáculo do missivista. Neste artigo, assume-se que as missivas amorosas, de amizade e familiares cariocas tendem a expor o vernáculo do PB dos séculos XIX e XX, visto que as temáticas exploradas nas cartas pessoais denotam a intimidade das interações dialógicas travadas entre os missivistas. A autenticidade das cartas pessoais em relação à expressão da norma culta também pode ser ratificada através do alto nível de escolaridade dos missivistas (políticos, escritores, advogados, professores), ainda que o nível de intimidade das relações sociais seja clarividente e, portanto, as cartas em análise mostram-se como contextos promissores às análises linguísticas acerca da expressão da norma objetiva do PB (CUNHA, 1995) em sincronias

passadas. Na imagem 02, é possível observarmos a produção escrita de uma informante carioca culta que teve acesso aos preceitos da gramática tradicional, mas fez uso de um pronome pessoal átono no início da sentença: traço morfossintático da norma de uso do PB. Se tal início de sentença com pronome pessoal oblíquo átono (contexto seriamente condenado pelos preceitos da gramática tradicional) deixou-se evidenciar na escrita da missivista culta em questão, o que não sairia da sua “boca” [e dos demais missivistas cariocas em foco] na intimidade das relações familiares? Considerando que não há como resgatar a expressão sonora da fala brasileira de fins do século XIX, tenta-se resgatá-la indiretamente através dos registros escritos mais íntimos possíveis como são as cartas pessoais.

Imagem 02 – Excerto da carta de MR. Mosteiro do Bom Pastor, 26.06.1898.



Transcrições dos excertos da carta de MR. Mosteiro do Bom Pastor, 26.06.1898, cf. imagem 02.

Deos seja bemdito!

P.S. Me esqueci de dizer-lhe que offereci a S^{ta}
Comunhão em entençaõ de meu querido Papae.
Minhas Superiores lhe enviam muitos

A reconstrução dos perfis sociais dos informantes é muito importante no processo de identificação das estruturas sociais que os subsidiam, ainda que nem sempre o assecuramento da *validade social e histórica* de uma dada fonte histórica seja um processo tão simples assim, considerando que “geralmente sabemos muito pouco sobre a posição social dos informantes, e não mais acerca da estrutura social da comunidade”¹⁵ (LABOV, 1994). As cartas íntimas que fundamentaram a análise dos dados deste trabalho mostram-se, por outro lado, como proficuas fontes históricas, visto que se trata de textos produzidos por renomados informantes. Tal fato justifica a questão de as suas correspondências terem sido não só cuidadosamente preservadas, mas também passíveis de reconstrução dos perfis

¹⁵ “...we usually know very little about the social position of the writers, and not much more about the social structure of the community”. (LABOV, 1994, p. 11)

sociais dos escreventes, assegurando a *validade socio-histórica* da pesquisa. O processo de reconstrução da história de vida dos missivistas está em íntima relação com o fato de serem missivas *autógrafas*, uma vez que é com base em tal evidência linguístico-paleográfico que se pode certificar a *autoria* e, conseqüentemente, a *validade social e histórica* das fontes históricas.

Nesta análise, volta-se o foco para a correlação entre os resultados de Souza (2012) e os de Diniz (2018) fundamentados num total de quinhentos e oitenta (580) cartas pessoais. Enquanto o estudo de Souza está voltado aos condicionamentos linguísticos e sociais dos pronomes *tu/você* entre os anos de 1870 e 1970 com base em trezentas e cinquenta e quatro (354) cartas, a análise de Diniz está direcionada para a descrição-analítica do estatuto variável das construções imperativas de 2SG quer estruturadas com formas de indicativo (paradigma de *tu*), quer estruturadas com formas de subjuntivo (paradigma de *você*) em uma amostra composta por duzentas e vinte e seis (226) cartas produzidas entre os anos de 1869 e 1980. Neste texto, o intuito principal é o de correlacionar a alternância *tu/você* ao estatuto variável das construções imperativas. Para tal, conjectura-se que a prevalência das construções imperativas estruturadas com o subjuntivo (paradigma do *você*) seja consequência da inserção do *você* no sistema pronominal do PB (LOPES, 2007), ou seja, trata-se de um fenômeno de *mudança estruturalmente encaixada* (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 1968) no sistema linguístico.

Visto que já foram expostos analiticamente os critérios de levantamento das amostras de missivas históricas devidamente fundamentadas nos encaminhamentos da sociolinguística histórica (BERGS, 2005; CONDE SILVESTRE, 2007; HERNÁNDEZ-CAMPOY; SCHILLING, 2012), passamos à discussão dos dados de pronomes-sujeito de 2SG associando-os às construções imperativas de 2SG.

3. A inserção do *você-sujeito* e a sua repercussão nas construções imperativas de 2SG: análise dos dados

Com base na correlação entre os dados de pronomes-sujeito (tabela 01) e as construções imperativas de 2SG (tabela 02), é possível verificar que os resultados gerais estatísticos da rodada geral (*make cell*) apontam para distintos encaminhamentos em relação às formas de *tu* e de *você*, ainda que os fenômenos em análise tenham se mostrado em acirrada concorrência.

Tabela 01 – Pronomes-sujeito de 2SG nas cartas cariocas (Séculos. XIX e XX).

PRONOMES-SUJEITO DE 2SG	
(SÉCULOS XIX E XX)	
TU	VOCÊ
762/1381	619/1381
(55%)	(45%)

Fonte: Souza (2012, p. 89).

Tabela 02 – Construções imperativas de 2SG nas cartas cariocas (Séculos. XIX e XX).

CONSTRUÇÕES IMPERATIVAS DE 2SG	
(SÉCULOS XIX E XX)	
INDICATIVO (TU)	SUBJUNTIVO (VOCÊ)
290/732	442/732
(40%)	(60%)

Fonte: Diniz (2018, p. 79).

Em termos gerais, observa-se que o potencial variável das formas pronominais de referência ao sujeito de 2SG aponta, nas 580 cartas cariocas (séculos XIX e XX), para a prevalência do *tu-sujeito* em 55% dos dados (762/1381), ao passo que as construções imperativas de 2SG evidenciam, nas trezentas e quarenta e cinco (345) cartas cariocas, (séculos XIX e XX) a prevalência das estruturas de imperativo supletivo (paradigma do *você*). Considerando que os resultados relacionados ao *pronomes-sujeito* de 2SG apontam para o *tu-sujeito* (SOUZA, 2012) e para as estruturas de imperativo supletivo (paradigma de *você*) como as formas preferidas (DINIZ, 2018), cf. ilustrado em (11) e (12), (13) e (14), respectivamente, convém tentar entrever se a preferência pelo imperativo supletivo teria ou não acompanhado, no eixo do tempo, a inserção do *você-sujeito* (função nominativa) no sistema pronominal do PB.

- (011) “[...] *Tu*_{SUJ.} me dises que o Octavio esta aborrecido por eu me demorar aqui [...]” (A. 1881)
- (012) “[...] Como *Você*_{SUJ.} me disse em sua carta que dissesse o que achasse, fiz lá umas chamadas com lápis [...]” (ME, 1938)
- (013) “[...] Desçamos agora a um assumpto eminentemente brasileiro e de salvação da pátria [...] Já Você percebe que se tracta de algum patronatoninho. [...] *Receba*_{IMP.} saudades daEponina. O meu Jarbas lhe manda pedir uma photographia da immortal madame Linch, das que se tirarão para uso dos bravos distinctos. [...]” (FO. RJ, 08.04.1869.)
- (014) “[...] *Recebe*_{IMP.} com todos os teus irmãos uma benção muito saudosa da Mamãe e de teu pai. [...]” (JAL. 11.08.1933.)

Expõem-se, na tabela 02, os resultados gerais acerca do indicativo (*tu*) e do subjuntivo (*você*) como formas verbais variantes que entram na composição estrutural do imperativo de 2SG. As setecentas e trinta e duas (732) ocorrências das construções imperativas foram levantadas em duzentas e vinte e seis (226) cartas pessoais (1860-1989) submetidas ao *make cell* do programa Goldvarb que permitiram dimensionar os efeitos estatísticos (tabela 02) da regra variável em análise (imperativo de *tu* ou imperativo de *você*), cf. discutido pormenorizadamente por Diniz (2018).

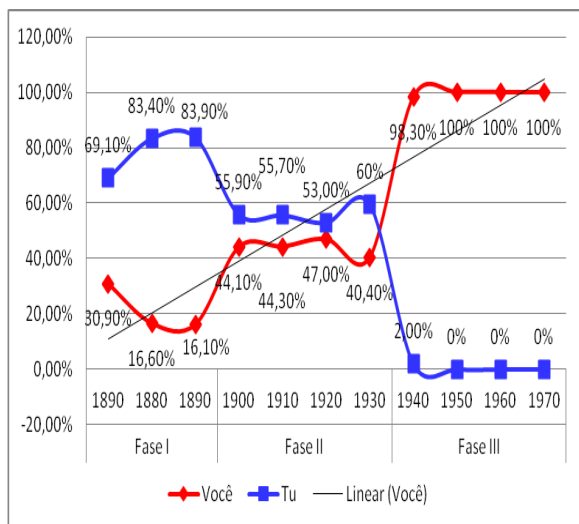
De um modo geral, verifica-se uma expressiva variação entre as formas subjuntivas, em 60% dos dados (442/732 oco), e as formas indicativas, em 40% (290/732 oco), ratificando assim as considerações de Rumeu (2016) com base na análise das cartas pessoais cariocas oitocentistas e novecentistas. Em (15) e (16), ilustramos algumas evidências das construções de imperativo verdadeiro e supletivo, respectivamente.

(015) “[...] A Emiliana ainda está de cama, mas medicada pelo Pontes e achase um tanto melhor _ *Escreve*_{IMP.} me dizendo quando vem, si mais tarde, si mais cedo, para meu governo. Queres encarregar-te, Eliza, de uma suave e doce missaõ. [...]” (JPCF. Linda Vista, 01.01.1886.)

(016) “[...] Se lhe fôr possível me *escreva*_{IMP.}: a Madre Superiora daqui se chama: Anna Maria [...] Tu sabes que preciso fallar com algum dos meus irmãosinhos; entreguei isto a nossa Madre Cassina.” (MLPCAM. PE, 13.01.1925.)

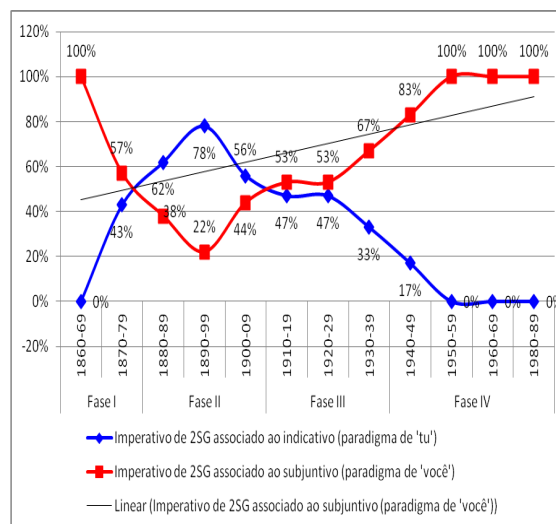
Considerando o estatuto variável das construções imperativas de 2SG estatisticamente já comprovado através da tabela 02 (imperativos supletivo e verdadeiro em 60% e 40% dos dados, respectivamente), passamos à análise mais pormenorizada dos pronomes-sujeito *tu* e *você* no período de 1870 a 1970 (gráfico 01) e das construções imperativas (gráfico 02) entre os anos de 1860 e 1989, consubstanciados, respectivamente, na interpretação de três fases para a dinâmica variável *tu/você* e quatro fases para as construções imperativas de 2SG ao longo do tempo, cf. discutido por Diniz (2018, p. 122).

Gráfico 01 - Distribuição das frequências de uso das formas *tu* e *você* em 100 anos de produção epistolar carioca (1870 a 1970).



Fonte: Souza (2012, p. 90).

Gráfico 02 - Distribuição das frequências de uso das construções de imperativo verdadeiro e de imperativo supletivo em 120 anos de produção epistolar carioca (1860-1980).



Fonte: Diniz (2018, p. 122).

A distribuição das formas *tu* e *você* no decorrer de um século de produção epistolar carioca revelou à Souza (2012) as três fases do processo de inserção do inovador *você* no sistema pronominal do PB. São elas: Entre os anos de 1870 e 1890 (fase I), observa-se que o *tu* alcança maiores índices de produtividade (69,1%, 83,4%, 83,9%) do que o *você* (30,9%, 16,6%, 16,1%). Na fase II, observa-se um período (1900–30) de robusta alternância entre as formas *tu/você*, ainda que o conservador *tu* tenha se mostrado em vantagem (55,9%, 55,7%, 43%) em relação ao inovador *você* (44,1%, 44,3%, 47%) até o ano de 1920. Por fim, verifica-se que, na fase III (1930–1970), o *você* passa a figurar como a estratégia de referência ao sujeito de 2SG preferida (60%, 98,3%, 100%, 100%, 100%) nas cartas cariocas analisadas por Souza (2012). As considerações de Souza em relação à inserção do *você* no paradigma pronominal apontam para um processo que parece ter tomado fôlego no PB a partir dos anos 30 do século XX, dialogando também com as conclusões de Lopes e Rumeu (2007, p. 420).

Levando-se em consideração os fluxos e contra fluxos da variação *você/tu*, alguns estudos demonstraram (Duarte, 1993, Lopes e Duarte 2003, Rumeu, 2004) que o uso majoritário de *tu* – forma recorrente do século XIX – só será suplantado por *você* por volta dos anos 20–30 do século XX.

(LOPES; RUMEU, 2007, p. 420)

Intensos movimentos de alternância entre as formas de imperativo supletivo (paradigma de *você*) e verdadeiro (paradigma de *tu*) são observados na 2ª metade do século XIX (fase I e II). Ainda que enquanto esta forma variante tenha alcançado o seu ápice na fase I, ou seja, entre os anos de 1860-69 (100%) e 1870-79 (67%), aquela, por outro lado, começa a assumir maiores frequências de uso entre os anos 1880-89 (62%) e 1890-99 (78%), ou seja, na fase II. Já no início do século XX (1900-09), ainda na fase II, observa-se o vigor da alternância entre o imperativo supletivo (47%) e verdadeiro (56%) que, por sua vez, assumem a partir da 2ª década do século XX (1910-19 → 47%) uma queda vertiginosa até fins do século XX (1920-29 → 47%, 1930-39 → 33%, 1940-49 → 17%, 1950-89 → 0%). Na fase III, verifica-se que as estruturas de imperativo supletivo sofrem um aumento gradativo, *pari passu* as de imperativo verdadeiro que desde 1900-09 começam a esvaír-se nas cartas cariocas analisadas. Interessante é que é justamente a partir da década de 30 do século XX que o imperativo supletivo (paradigma de *você*) estabiliza-se, gradual e progressivamente (1930-39 → 67%, 1940-49 → 83%, 1950-89 → 100%), coincidindo com o momento de estabilização da produtividade do *você-sujeito* nas cartas cariocas analisadas por Souza (2012). A análise comparativa entre os estudos de Souza (2012) sobre as formas pronominais *tu/você-sujeito* e de Diniz (2018) sobre as construções imperativas de 2SG revelam que os dois fenômenos estão imbricados. Esses resultados trazem à cena evidências históricas de uma mudança internamente encaixada no sistema linguístico, uma vez que a inserção do *você* no sistema pronominal do PB parece mesmo ter repercutido nas construções imperativas de 2SG, cf. anunciado por Lopes (2007). Reflexo clarividente desta repercussão é o imperativo abrasileirado (nos termos de PAREDES *et al.*, 2000) para o qual é possível levantar indícios nas cartas cariocas de fins do século XIX, cf. observamos em (17) e em seu respectivo fac-símile através da imagem 03. Nesse contexto, ilustra-se uma construção imperativa estruturada através da forma verbal *pede*, formalmente vinculada ao paradigma pronominal de *tu*, em contexto de *você-sujeito* (imperativo abrasileirado) em fins do século XIX.

- (017) “[...] *Pede*_{IMP}. aDeos minha Filha pela saude de teu Pae. Reconheço que a minha existência é necessaria ao bem dos nossos. [...] a Rozinha tem havido demora sendo provavel que a esta hora já *Você*_{SUJ}. tenha recebido.” (Carta de *você-sujeito*. JPF. RJ, 16.07.1879.)

Imagem 03 – Trechos do fac-símile de missiva redigida por JPF. RJ, 16.07.1879.

...
Pede pela saúde da
 mãe. Reverência
 e respeito
 dos vossos...

[...]

a N.ª Sr.ª tem...
 sendo provável q' a esta
 hora já se tenha recebido.

Tendo em vista a descrição dos resultados gerais (em termos estatísticos) voltados para as construções imperativas de 2SG coindexadas ao contexto de *sujeito* de 2SG, observa-se que tal contexto sintático (*sujeito* de 2SG) mostrou-se relevante à aplicação da regra variável em análise (imperativo verdadeiro (paradigma de *tu*) versus imperativo supletivo (paradigma de *você*)). A opção pelo imperativo verdadeiro (forma do paradigma de *tu*) como valor aplicação (*stepping up*) está respaldada nos objetivos de Diniz (2018) que, por sua vez, passa por resgatar evidências históricas do imperativo abraçado, o que necessariamente acaba por mensurar o nível de influência do pronome nominativo de referência a 2SG nas construções imperativas de também de 2SG (*vem* (*tu*) versus *venha* (*você*)). Nesse sentido, o 1º dentre os seis grupos de fatores¹⁶ selecionados na rodada gerada no nível Varb foi o pronome nominativo de 2SG, o que permite entender a opção pelo imperativo em função das cartas de *você-sujeito*, de *tu-sujeito* e em cartas mistas (*tu/você*), cf. discussão de Diniz (2018) à luz

¹⁶ O *input* de seleção foi 0.050. Além do “pronome sujeito” (1º grupo de fatores selecionado) os demais grupos selecionados foram os seguintes: (2º) a polaridade da estrutura imperativa, (3º) a relação social entre os missivistas, (4º) os períodos das cartas, (5º) o paralelismo fônico e (6º) o número de sílabas do verbo da construção imperativa em sua forma infinitiva, cf. Diniz (2018).

da tabela 3. O alto nível de significância assumido pelo contexto pronome nominativo de 2SG (primeiro grupo selecionado cujo nível de significância foi .000 no processo de *stepping up*) permite evidenciá-lo como contexto propulsor das construções imperativas de 2SG, cf. já discutido por Rumeu (2016) e por Diniz (2018).

Tabela 3 - Construções imperativas de 2SG.

SUJEITOS PRONOMINAIS DE 2SG	CONSTRUÇÕES IMPERATIVAS DE 2SG (VALOR DE APLIAÇÃO: INDICATIVO)	
	OCORRÊNCIAS (%)	PESOS RELATIVOS
Cartas de <i>tu-sujeito</i>	161/230 (79%)	0.897
Cartas de <i>tu e você-sujeito</i>	85/191 (45%)	0.464
Cartas de <i>você-sujeito</i>	44/310 (14%)	0.180
TOTAL	290/731 (40%)	

Fonte: Diniz (2018, p. 143).

Em síntese, Diniz comprovou que as cartas de *tu-sujeito exclusivo* (primeiro grupo de fatores estruturais selecionado pelo Goldvarb) com o peso relativo de 0.897 (79%) mostram-se como um profícuo contexto de inserção das construções imperativas associadas ao indicativo, cf. está ilustrado em (18) e (19).

(018) “[...] A fé é o presente mais precioso com o qual o Senhor brindou ao homem. *Fortifica*_{IMP.}-te portanto, para mais tarde poderes_{SUJ.} arrastar com vantagem os embates, com que o demonio costuma atacar as intelligencias fazendo às vezes gerar a duvida. [...]” (JCAM. RJ, 18.12.1896.)

(019) “[...] Si quizeres me escrever com intimidade manda a carta por intermedio de sua tia Mimi para não haver perigo que alguém leia aqui, com reservado Meu filho por tudo, e até por aquelle pensamento do Nencio *atende*_{IMP.} aos meus conselhos. *Sê*_{SUJ.} prudente, *conserva*_{IMP.}-te n’uma posição superior [...]” (ZPAM. RJ, 06.07.1919.)

Diniz (2018) também verificou índices percentual e probabilístico de 45% e 0.464 para as construções imperativas vinculadas ao paradigma de *tu*. Isso significa entender que o contexto de alternância *tu* e *você* na função de sujeito de 2SG também parece influenciar moderadamente a aplicação da regra de expressão do imperativo associado ao indicativo (45%), considerando também o fato de a produtividade do indicativo em contexto de sujeito misto (*tu/você-suj.*) ter se mostrado acima da média geral (40%) nessa rodada da regra variável, cf. observamos em (20) e (21).

- (020) “[...] Veja se você_{SUJ.} pode ir ao Rio. [...] Espero, querida, e *confia*_{IMP.} em nós. Em ti, que és_{SUJ.} dona do mundo, pela sua mocidade invencível, em mim, que sou uma coisa tua, um amigo, um companheiro, um homem que precisa do teu amor. E sou o mesmo que você_{SUJ.} conheceu [...]” (CL. 25.06.1937.)
- (021) “[...] por ahi Você_{SUJ.} vê minha amizade por meu irmão. *Recebe*_{IMP.} lembranças de Don Oreste Dona Augusta e do pobre quin tero Don Juan. Quando visite o tumulo de nossa santa mãe não te esqueças_{SUJ.} de pedir pelas minhas intenções. [...] Pasei a manhã muito agradável escrevendo a Você parece que estavas_{SUJ.} aqui.” (MRPCAM. La plata, 01.02.1948.)

Sintomática também é a questão de o contexto de variação *tu/você*-sujeito. (*cartas mistas*) ter se deixado evidenciar como um condicionamento que parecer impulsionar moderadamente as construções imperativas vinculadas ao indicativo (imperativo verdadeiro), o que parece ilustrar o imperativo abasileirado como um reflexo histórico desse traço da norma de uso do PB (FARACO, 1986; CARDOSO, 2006; SCHERRE, 2007) já em amostras históricas do PB escrito entre fins do século XIX e o século XX, cf. amplamente discutido por Diniz (2018).

Considerações finais

Com base na análise de missivas cariocas produzidas entre 1860 e 1980 (intervalo de 120 anos), confirmou-se a hipótese de que a partir da década de 30 do século XX o *você*-sujeito fixa-se como pronome-sujeito de 2SG *pari passu* as formas de imperativo supletivo (paradigma de *você*) passaram a ser a preferência dos cariocas cultos em suas missivas pessoais. No intuito de responder às questões fomentadoras deste trabalho, encaminharam-se algumas breves generalizações acerca das correlação entre pronome-sujeito de 2SG (SOUZA, 2012) e as estruturas imperativas de 2SG (DINIZ, 2018).

(i) A preferência pelas construções de imperativo supletivo (construções imperativas associadas ao subjuntivo) teriam acompanhado o processo histórico de inserção do *você*-sujeito no sistema pronominal do PB?

As construções de imperativo supletivo parecem acompanhar a inserção do *você*-sujeito a partir da década de 30 do século XX como uma mudança encaixada no sistema linguístico. A implementação do *você* (pronome de referência semântica à 2SG e de concordância formal com a 3SG) no quadro pronominal do PB refletiu nas construções imperativas (LOPES, 2007) e como evidência desta repercussão gramatical tem-se o imperativo abasileirado (nos termos de Paredes *et al.*,

2000), visto que se trata de uma forma verbal associada ao indicativo (paradigma de *tu*) no contexto de *você-sujeito* e para o qual é possível levantar indícios nas cartas cariocas de fins do século XIX, cf. Diniz (2018).

(ii) Em que nível teríamos as evidências históricas do imperativo abrazeirado (“*Vem pra Caixa você também, vem*”)?

As construções imperativas associadas às formas de indicativo em contexto de alternância *tu/você-sujeito* (cartas mistas) parecem influenciar moderadamente, em termos probabilísticos, a aplicação da regra variável em análise (0.464, 45%, 85/191), cf. Diniz (2018). Apresenta-se como uma evidência da repercussão da inserção do *você* no sistema pronominal (LOPES, 2007; LOPES; CAVALCANTE, 2011) o fato de serem justamente as cartas em que *tu* e *você* variam na referência ao sujeito de 2SG o contexto que tende a projetar, ainda que moderadamente, as construções de imperativo genuinamente brasileiras.

Em suma, o *você* passa a conviver e alternar, no sistema pronominal do PB, com o *tu*, e tal fato parece evidenciar, principalmente a partir dos anos 30 do século XX (cf. gráfico 01), um movimento que aponta para a reestruturação do sistema pronominal do PB com a implementação gradual e paulatina dessa inovadora forma pronominal, cf. Rumeu (2008) e Souza (2012). Uma das repercussões alcançadas pela inserção do *você* no sistema pronominal do PB está não só na preferência pelas construções imperativas supletivas (paradigma do *você*) a partir dos anos 30 do século XX (cf. gráfico 02), mas também na alternância pronominal vigente nas cartas mistas (cartas de variação entre as formas *tu* e *você* na posição de *sujeito* de 2SG), o que tende a influenciar moderadamente (DINIZ, 2018) a produtividade do imperativo abrazeirado (“*Vem_{IMP} você_{2SG}*”) como evidência de uma mudança internamente encaixada no sistema linguístico do PB.

Referências bibliográficas

- AGUILAR, R.C. Presencia de lo oral en lo escrito: la transcripción de las declaraciones en documentos indios del siglo XVI. OESTERREICHER, W.; STOLL, E.; WESCH, A. (Ed.) **Competencia escrita, tradiciones discursivas y variedades lingüísticas: aspectos del español europeo y americano en los siglos XVI y XVII**. Tübingen: Narr., 1998. p. 219-242.
- BERGS, A. **Social networks and historical sociolinguistics: studies in morphosyntactic variation in the Paston letters (1421-1503)**. Berlin: Walter de Gruyter, 2005.
- BRITO, A.M.; DUARTE, I.; MATOS, G. Estrutura da frase simples e tipos de frases. *In*: MATEUS, M.H.M. *et al.* **Gramática da língua portuguesa**. Lisboa: Caminho, 2006. p. 433-506.
- CARDOSO, D.B.B. O imperativo gramatical no português do Brasil. **Revista de Estudos da Linguagem**. Belo Horizonte: 2006, v. 14, n. 2, p. 317-240.
- CONDE SILVESTRE, J. C. **Sociolinguística histórica**. Madrid: Gredos, 2007.
- CUNHA, C.; CINTRA, L.F.L. **Nova Gramática do Português Contemporâneo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2007 [1985].
- CUNHA, C.A. **Questão da Norma culta**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1985.
- DINIZ, J.S. **A expressão variável do imperativo de 2ª pessoa do singular no português brasileiro: análise de cartas pessoais dos séculos XIX e XX**. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos). Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, 2018.
- ELSPASS, S. The Use of Private Letters and Diaries in Sociolinguistic Investigation. *In*: HERNÁNDEZ-CAMPOY, J. M.; CONDE-SILVESTRE, J. C. **The Handbook of Historical Sociolinguistics**. Oxford: Wiley-Blackwell, 2012. p. 156-169.
- FARIA, I.H. O uso da linguagem. *In*: MATEUS, M. H. M. *et al.* **Gramática da língua portuguesa**. Lisboa: Caminho, 2006. p. 55-84.
- FARACO, C.A. Considerações sobre a sentença imperativa no português do Brasil. *In*: **D.E.L.T.A.**, v. 2, nº 1, p. 1-15, 1986.
- FAVARO, G.S. **Estudo morfológico das formas verbais do modo imperativo nas Cantigas de Santa Maria**. Tese (Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa). Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 2016.
- HERNÁNDEZ-CAMPOY, J.M.; SCHILLING, N. The Application of the Quantitative Paradigm to Historical Sociolinguistics: Problems with the Generalizability Principle. *In*: Hernández-Campoy, J. M.; Conde Silvestre, J. C. **The Handbook of Historical Sociolinguistics**. Oxford: Wiley-Blackwell, 2012. p. 63-79.

- LABOV, W. **Principles of Linguistic change: social factors**. Cambridge: Blackwell Publishers, v. 2, 2001.
- LABOV, W. **Principles of Linguistic Change: Internal Factors**. Cambridge: Blackwell Publishers, 1994.
- LOBO, T.C.F. **Para uma sociolinguística histórica do português no Brasil**. Edição filológica e análise linguística de cartas particulares do Recôncavo da Bahia, século XIX. Volume II. Tese (Doutorado em Filologia e Língua Portuguesa). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2001.
- LOPES, C.R.S.; CAVALCANTE, S.O. A cronologia do voçamento no português brasileiro: expansão de você-sujeito e retenção do clítico-te. *In: Lingüística*, v.25, p. 30-65, 2011.
- LOPES, C.R.S.; RUMEU, M.C.B. O quadro de pronomes pessoais do português: as mudanças na especificação dos traços intrínsecos. *In: CASTILHO, A. T.; MORAIS, M.A.T.; LOPES, R.E.V.; CYRINO, S.M.L. (Orgs.) Descrição, história e aquisição do português brasileiro – Estudos dedicados a Mary Kato*. Campinas: Pontes Editora/Fapesp, 2007. p. 419-435.
- LOPES, C.R.S. Pronomes pessoais. *In: BRANDÃO, S.F; VIEIRA, S.R. (Orgs.) Ensino de gramática: descrição e uso*. São Paulo: Contexto, 2007. p. 103-114.
- LOPES, C.R.S. **A inserção de 'a gente' no quadro pronominal do português**. 1ª ed., Frankfurt/Madri: Vervuert/Iberoamericana, 2003.
- LOPES, C.R.S. **A inserção de 'a gente' no quadro pronominal do português: seu percurso histórico**. Tese (Doutorado em Língua Portuguesa). Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1999.
- PAREDES SILVA, V.L.; SANTOS, G.; RIBEIRO, T. Variação na 2ª pessoa: o Pronome sujeito e a forma do imperativo. *Revista Gragoatá*, v. 9, n. 9, p. 115-123, 2000.
- RIVERO, M. Negation, imperatives and wackernagel effects. *Rivista di Linguistica*, v. 6, n° 1, p. 39-66, 1994.
- RIVERO, M.; TERZI, A. Imperatives, V-movement and logical mood. *Journal of Linguistics*, v. 31, n° 2, p. 301-332, 1995.
- ROCHA LIMA, C.H. **Gramática normativa da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: José Olympio, 2011 [1972].
- ROMAINE, S. **Socio-historical linguistics: its status and methodology**. Cambridge: Cambridge University Press, 2010 [1982].
- RUMEU, M.C.B.; CARVALHO, L.F. O imperativo em livros didáticos de língua portuguesa: a distância entre pesquisa e ensino. *Matraga – Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras da UERJ*, v. 25, n. 44, p. 391-409, 2018.
- RUMEU, M.C.B. **Língua e sociedade: a história do pronome 'Você' no português brasileiro**. Rio de Janeiro: Ítaca/FAPERJ, 2013.

- SCHERRE, M.M.P.; DIAS, E.P.; ANDRADE, C.; MARTINS, G.F. Variação dos pronomes “tu” e “você”. *In*: MARTINS, M. A.; ABRAÇADO, J. **Mapeamento sociolinguístico do português brasileiro**. São Paulo: Contexto, 2015. p.133-172.
- SCHERRE, M.M.P. Aspectos sincrônicos e diacrônicos do imperativo gramatical no português brasileiro. *Alfa*, v.51, n° 1, p. 189-222, 2007.
- SOUZA, J.P.F. **Mapeando a entrada do você no quadro pronominal: análise de cartas familiares dos séculos XIX-XX**. Dissertação (Mestrado em Letras Vernáculas). Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2012.
- WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M.I. Empirical foundations for a theory of language change. *In*: LEHMANN, W.; MALKIEL, Y. **Directions for historical linguistics**. University of Texas Press, 1968.